

Dia Nacional do Mutualismo assinalado em Lisboa:

Redemut projecta futuro do mutualismo em Portugal

O Auditório da Companhia de Seguros Lusitânia foi pequeno para juntar a maior Rede Mutualista do País que, aproveitando o dia 25 de Outubro, dia Mundial do Mutualismo, levou a debate as principais preocupações sobre a complementaridade, sustentabilidade e actualidade do mutualismo enquanto sistema de protecção social e do Sistema Nacional de Saúde. O debate foi aberto pelo Arquitecto João Afonso, Vereador dos direitos sociais da Câmara Municipal de Lisboa e contou, entre outros, com a presença de Abdelaziz Alaoui, Vice-presidente da Association Internationale de la Mutualité (AIM), de Stéphanie Soares, Administradora da Mutualité Française, Edmundo Martinho, ex-Presidente da International Social Security Association e ainda Joaquim Rocha, António Tomás Correia, Jorge de Sá, Manuel Pizarro, Maria de Belém Roseira e Mário Jorge Neves. No encerramento, esteve Fernando Regateiro, Coordenador Nacional para os Cuidados de Saúde Hospitalares, em representação do Ministro da Saúde. Dependências associou-se ao evento e entrevistou José Luís Ferreira, Presidente da mais importante rede mutualista do País.



**JOSÉ LUÍS FERREIRA,
PRESIDENTE REDEMUT**

“Estamos no bom caminho”

O Dia Mundial do Mutualismo foi comemorado com algumas sugestões e críticas lançadas pelo meio por Edmundo Martinho... Falta de

facto estratégia ao mutualismo para se afirmar com mais preponderância?

José Luis Ferreira (JLF) – Falta pelo menos mais união dos participantes, dos associados e associadas da Redemut. Temos que compreender que são associações centenárias que, ao longo dos anos, foram vivendo sós e dificilmente se consegue encontrar uma estratégia de união e de partilha entre elas. Enquanto não houver essa união, muito difícil será o entendimento e até a implantação e a força do movimento para reivindicar seja o que for do poder político.

Edmundo Martinho falou também em dependência... De que continua a depender concretamente a mutualidade?

JLF – A Redemut tem uma dependência porque as associações mutualistas têm que ser sustentáveis. Ou o são ou morrem, tal como sucede com as empresas ou as pessoas se não tiverem meios de subsistência. Como tal, têm que ser geridas com muita ponderação e determinação para que sejam sustentáveis. A Redemut é uma recém-nascida e, com alguma dificuldade, tem efectivamente alguma subsidiodependência das associações porque ainda não conseguiu implementar-se para que, no seu seio, consiga a rentabilidade necessária para a sustentabilidade.

Apesar de ser uma rede, parece ter furos a mais...

JLF – Não entendo que seja uma rede furada. Tem alguns constrangimentos na sua união mas isso é natural, uma vez que a Redemut tem ainda três anos de sobrevivência. Alterar o percurso de associações centenárias vai demorar algum tempo. No seio, o movimento partiu-se entre a União das Mutualidades e a Redemut. Eles continuam a sua vida e nós a nossa e procuramos o entendimento e, como o Dr. Edmundo Martinho disse, a Redemut é que está no bom caminho no sentido de fazer o trabalho em rede. Temos noção de que é difícil mas é um caminho que vamos percorrendo.





Sendo as associações centenárias, os desafios actuais são novos. Como presidente, que estratégia elege com vista a integrar uma nova resposta que partilhe serviços entre as diferentes entidades e evite sobreposições e concorrências desnecessárias?

JLF – Estamos aqui a ver que, pelo menos, nem todas as associações têm os mesmos objectivos. Independentemente de serem mutualidades, algumas elegem fins mais sociais, outras de saúde e outras fins também específicos. Estamos no caminho de conseguir essa união, que consiste em que todas as associações partilhem os seus serviços com todas as associadas e todos os mutualistas. Importante é que uma pessoa, por exemplo de Lisboa, quando for ao Porto ou a Faro seja atendida numa associação mutualista como se estivesse na sua zona. É preciso introduzir uma nova dinâmica porque estamos em 2016 e as necessidades são outras.

Hoje, dia 25 de Outubro, celebra-se o dia do Mutualismo... Sem querer tocar novamente na ferida da divisão entre as instituições, esta separação entre a União das Mutualidades e a Redemut, soa mais a caso de polícia e até já se dão ao luxo de alterar o dia do Mutualismo...

JLF – Isso terá que ser perguntado à União das Mutualidades... Nós mantivemos rigorosamente o dia. O dia 25 de Outubro foi aquele em que um grupo de associações se reuniu em Coimbra para criar a União das mutualidades. Durante muitos anos, entendeu-se que esse seria o dia do Mutualismo e é isso que reivindicamos, assumindo-o como um compromisso, embora estranhemos que outra união altere o dia sem perguntar à Redemut e às associações desvinculadas da União das Mutualidades se poderíamos alterar o dia do Mutualismo. Isso foi feito com 200 assina-

turas de pessoas que não podiam discordar e, com essa base, acharam por bem mudar o dia...

Sei que constituem uma rede solidária, que tenta integrar respostas que satisfaçam as necessidades das pessoas... O que gostaria de dizer às instituições representadas pela União das Mutualidades que, supostamente, deveriam actuar em rede para melhor responderem às demandas sociais e de saúde?

JLF – As nossas garanto-lhe que estão bem, que foram elucidadas e que estão a trabalhar connosco. E trabalharemos sempre para as trazer e para resolvermos os problemas. Do outro lado, não sei... Não podemos reivindicar o que devem pretender as outras instituições. Só chamo a atenção para o facto de serem coisas completamente diferentes. A Redemut sentiu necessidade de fazer esta divisão porque a satisfação, quando estava na União, não resolvia o problema. As nossas 21 associadas representam hoje mais de 700 postos de trabalho, têm cerca de 800 mil associados e não são exactamente iguais às associações locais que têm 20, 50 ou 100 associados que se juntam para fazer qualquer coisa. Nós temos uma actividade económica, nomeadamente até de apoio aos nossos associados e, como tal, temos necessidades diferentes. Mas isso não quer dizer que eles não possam percorrer o seu caminho. Quando sentirem dificuldade na União poderão vir ter connosco, que cá estaremos para os receber. Estou convicto de que a justiça há-de ser feita. Embora as nossas necessidades sejam completamente diferentes das que caracterizam as demais instituições, não podemos ter o mesmo número de votos que outras instituições que têm 40 associados... Terá que ser preconizada uma solução que possa conjugar as necessidades, a existência e a representatividade.

